

A LAGRIMA

QUINZENARIO ILLUSTRADO

PEQUENA CHRONICA

VENCIDOS E DESALENTADOS

Ha tres semanas que morreu Barros Lobo, espirito gentil, que era feito da luz doce d'uma aurora, do sorriso angelico d'uma noiva e da tristeza bem amada d'uma lagrima de saudade.

Ha tres annos que morreu Hamilton d'Araujo, vencido, desiludido; Hamilton que era um poeta de raça, cabelleira loira como a sua alma, alma limpida e clara como a sua cabelleira!

Ha tres mezes que Fialho d'Almeida abandonou as letras, e viveu irrequieto e arrepiante, irrequieto de novidades, arrepiante de contumelias, d'este scenario dubiamente triste da litteratura portugueza.

Dubiamente triste para elle, como duas vezes dubiamente tristissimo tinha sido para Barros Lobo, porque a sociedade portugueza está dando fleugmaticamente, n'um resflegar de consciencias pôdres e de ideaes podrissimos, o esportaculo d'um sepulchro entre-aberto, onde jaz enterrado um cadaver, que teve Vida, Portugal, mas que hoje cheira mal e causa n-useas.

Approximo estas dactas; approximo estes meteoros, para mais esfumilhar, n'uma téla sombria, o escuro d'este fim de seculo, que é negro como carvão e desapiedado como o desespero.

E, no entanto, eu não vos lamento, ó mortos bem amados e bem queridos.

Eu vos saúdo!

Dos dois, que já nos olham das janelas do Futuro, resta-nos a saudosa memoria.

Do primeiro a sua prosa iriada de côres, magnolia vicejante e albente, o seu «Arauto, os seus «Contos Immoraes», inundados d'um luar surrissimo e quente de moralidade; o seu estylo efeminado, como o seu predilecto typo seis, pequenino, franzino, em tudo delicado, como a azita d'uma abelha meliflua, melifluente como o seu coração purissimo e innocentissimo.

Do segundo, oh! Restam-nos os seus versos preciosos, ebrios de luz, arrequeados de sol, novos e pujantes, hilariantes e dulcificantes, seronissimos e suavissimos, uma aureola de graça da Divina Graça!

Que o melhor do seu peito e da sua Obra,—levou-a a Desgraça, a tremenda Desgraça do Baquet, em noite de fogo, n'essa noite ululante, cheia de desesperos, atravessada de Dores, onde se sumiu para sempre, na sempiternidade d'uma

voragem maldita, a sua tradução carinhosa, a alma da alma do loiro Hamilton!

Mas do terceiro, de Fialho d'Almeida, esse desalentado—que uma fortissima organisação de artista alenta, d'esse, resta-nos ainda, além da sua prosa cheia de vida, a propria vida cheia de esperanças.

Hade rebornar o seu logar.

¿Porque não?

¿Quem o hade substituir?

Depois de Camillo, era Fialho a fibra e o musculo da critica portugueza.

Não nos abandone. Não nos desampare.

Que nós temos fé, no meio d'estes escumbros feitos de sombra, atravez d'esta sombra, tecida de treva, que a Patria ainda hade resurgir.

Não pode morrer no meio da lama, na monturoira d'um caminho vulgar, um povo que rasgou os mares desconhecidos, que fitou o sol do Oriente e que embebeu as papillas no lago incondiante da luz da America e da Oceania.

E quem o hade acompanhar n'este hossana de resurgimento, espirito gentil como gentil e gentilissima é a alma que se embebe e doura da luz d'um Novo Dia?

Um espirito que seja luz, como o espirito de Fialho d'Almeida.

Z. SARANAGO (SILVA ESTEVES)



Tinha anoitecido ha mais d'uma hora, e dois patuseos, dois irmãos siamezes, dois provadores do bello Tinto do Torres, iam, Campo da Feira acima, fallando a respeito do telegramma da demissão do Floriano Peixoto.

—Foi um asno. Assim como se seguiu até agora, tambem escusava de pedir a demissão. Que se segurasse mais tempo.

—Mas tu sabes lá se elle tinha firmeza nas pernas?..

—Sempre devia ter mais do que eu, que vou assim num sei como, parece que a terra anda ós saltos. O' Thimotheo, aquillo acolá é que é o camdieiro da Santa Casa?

—Não. Aquillo é um sujeito que está a acender um cigarro.

—Num pode ser. Ou o cigarro é como uma focueira.

—Vamos d'ahi embora.

A LAGRIMA

—O' Thimoteo, espera, que eu vou aqui fazer um serviço.

—Mas não te demores.

O Thimothéo encostou-se a uma arvore, a'li em frente da porta do sr. Narriso.

D'ahi a dous minutos principiou a ouvir, assim como umas deflonações ao longe, tiros de tres e quatro respostas.

Afinou com a historia.

Isto é fazer caçada cá do volbo; mas eu vos arranjo.

Foi direito para as casas, e pareceu-lhe ver um vulto parado, muito quieto, em frente d'elle.

E os foguetes continuavam a estourar. Uns foguetes, já se sabe, sem lagrimas, e que em vez de subir «para o ar da noite serena», desciam pelo desfiladeiro intestinal do companheiro do Thimothéo. . .

Mas o Thimoteo é que não sabia d'isso. Nada. Vou acabar com a troça. Pouca vergonha! Estar aqui a estourar nas minhas suissas brancas. . .

Vai direito ao vulto, agarra-o com ambas as mãos, e diz-lhe:

—Está preso.

O vulto nem se movia, nem respondia.

—Já lhe disse. Está preso e bem preso.

E o vulto na mesma.

—Responda-me, seu maroto, diz o Thimothéo.

O companheiro, ouvindo o larulho, lá se arranjou mais depressa, e veio para cima.

—Que é isso, ó Thimothéo?

E' este maroto que me estava a insultar; mas está preso. Ajuda-me tu a levá-lo d'aqui, porque o maroto finge-se mudo e não se despega.

O compadre do Thimoteo deu-lhe uma grande risada.

—Pois tu pões-te a rir?

—Rio-me, porque prendeste. . . o marco postal!

«Tableau!»



ALBUM DA «LAGRIMA»

LITTERATOS. . . FUTUROS.

Barcellos está sendo a terra dos litteratos, dos jornalistas, dos poetas e dos cabeçudos.

Ha poucos dias, tivemos o prazer de ler um original escripto, áccrea das festas que se fizeram a S. João, na Fonte de Baixo, o anno passado, e que, por muito curioso e promettedor, e por dar perfectamente a ideia do grande movimento intellectual de Barcellos, vamos transcrever aqui.

São d'esta laia os litteratelhos barcelleiros!

E cuidam que são gente.

Lembram-se que é d'esta massa que se fazem!

Mas isto não é massa de litteratos. E' massa de idiotias:

O S. João na Fonte de Baixo

Estiveram brillantissimos os festejos ao santo. Esteve illuminado o largo todo desde a rua do srs. Afritos até ao arco do mesmo largo, compareceram alli grande numero de damas assentadas nos bancos que a comição appoiou alli ao publico.

O fogo começou-se a deitar desde as onze horas pouco mais ou menos e esteve bom até á uma horas e a noite estava serena a aranha esteve boa. Os foguetes iam assubindo em elles para o ar da noite serena, noite de borga em que todos bailavam uns para a beira da cascata e outros para o largo para ver de longe a magnifica cascata com o seu jardim o pequenito lago a arrebitar para a cascata a refrescar o santo.

Lê-se na «Verdade», de Thomar:

«Está entre nós o nosso presado amigo e denodado correligionario João Evangelista Campos de Lima, sollicito correspondente de Barcellos para a «Verdade» que com o seu estylo brillante e elegante phrase, verdadeiro primor litterario, que deleita os seus leitores.»

Do que vejo, e é notorio,
que o jornalista «brilhante»
anda lá, que cebolorio,
a fazer-se de chibante!

Mas, como o Vint'Oito o pinta
em portuguez desrabado,
ambos dois accusam trinta,
n'um painel muito borrado.

Isto não é portuguez,
nem é lingua que se intenda...
Eu dou-lhe uma, duas, trez...
Qualquer rapaz os—omen-la!

Ora, a estes bons pedantos,
que não tem conhecimento,
é ir-lhe ás orelhas gigantes...
...Foi d'uma vez um jumento!

Mas, continua a «Verdade»:

«Campos de Lima é um distincto litterario, muito apreciado na «Verdade», onde escreve semanalmente, na «Ideia Nova» que collabora com assiduidade, «Democrata da Beira» de que é correspondente, na «Alma Nova» em que os seus artigos têm a preferencia e na «Batalha» diario repu-

A LAGRIMA

blicano de Lisboa, que elle honra com os seus escriptos.

Sentimos que s. ex.^a fencione demorar-se poucos dias n'esta cidade, roubando-nos assim de gozar a sua agradabilissima companhia por muito tempo.

Ora, agora fico em cópas...
Escrive em tantos jornaes,
qu'ou cãga com as tópas,
ou então tem mãos a mais...

Se escrevesse em quatro fôlhas,
com quatro mãos o faria...
Em cinco! Vou-me ás ençôlhas,
nunca ninguem tal diria!

Mas, enfim, como é portento,
e menino arrebita'o,
com cinco mãos n'um momento
deixa o paiz espantado.

A' «Verdad», de Thomar,
parabens eu dou em barda,
porque tem, e é d'invejar,
escriptores de boa allarda...

Um nosso amigo, residente n'uma freguezia d'este concelho, enviou-nos a copia d'um curioso documento parochial; eil-a:

Certifico que vendo o L.^o dos Assentos d'esta freguezia n'ella a folhas 377—v.^o incontrei o assento do theor seguinte:—Aos quinze dias do mez de Fevereiro do mil oitocentos e trinta e um, n'esta Igreja da bapisei e puz os Santos Oleos a uma criança do sexo feminino, digo masculino, a quem dei o nome de Francisquinho digo Francisco filho de

E eu, João da lhe abri este—assento, para constar.

Declaro que borrei o Francisquinho com o dedo porque aqui se não admitem deminutivos e entrelinhei o assento porque não cabia na linha.

Annuncio encontrado ha tempos n'uma arvore, na estrada que vae d'aqui a Espozende:

A Nuncio

Achace Naconfraria de Nossa Senhora do Rozario desta Freguezia de S. Pedro de Villa Frescainha A quantia de carenta Mil e oito Mil Rs Para Dar aJuro com as Siguranças Nescarias Quem o Pertender Derijase aos Mezarios Damesma Confraria Som 10 Moedas



OS HOMENS DO POVO

Está ensaiando-se, sob a direcção do intelligente amador sr. Cardoso Pinto, no theatro dos Bombeiros Voluntarios, o drama—«Homens do Povo», que é de um bello effeito scenico, e cuja doutrina social é de aceitar.

De crêr é que os seus interpretes, rapazes todos cujas apidões já são bastanteamente conhecidas, o levem á scena com o primer que todos esperamos, e para o que lhes appetecemos uma noite cheia.

Cheia, especialmente, de espectadores e de notas na bilheteira...



REVISTA DO ANNO

Isto não é o Porto por um Canudo, nem é canudo.

E' uma revista ligeira do estado economicó e moral, durante o anno de 1893, que Deus tenha em santa paz. lá nos intermundios do infinito, muitos e muitos annos sem a nossa companhia.

A nossa e a dos assignantes da «Lagrima».

Houve muitas doencas. A principal foi a da bolsa. Todo o anno andou leve. Faltou o metal; e as notas, com desconfiança das de vinte e cinco tostões, que um Par do Reino *cortesmente* falsificou, eram todas miudas, de 50 e de 100 reis.

Isto causou grande abalo na saude publica. Ao principio houve marehantes que não queriam notas. Só queriam metal e mais metal.

Vai depois, como o outro que diz, e principiou a apparecer muito cobre, sujo, oxidado, pesado.

Já os marehantes querem notas e já o recebedor não quer aceitar senão um terço em cobre.

Coisas do mundo! Voltas que o mundo dá!

Mas, como disse, isto causou abalo até na saude. Appareceu muita gente doente, e a maior parte da lingua.

Cá está o nosso cliché a explicar o caso



A LAGRIMA

O doutor é fino. Tem luneta. Mas o doente também tem uma lingua... maior do que a do Manoel da Graça.

Que desgraça...

*

Houve também a mania das gravatas espantosas, que alguns cavalheiros até faziam d'ellas uma especie de chale-manta.



O estado geral, porem, quanto a segurança publica e privada—foi uma desgraça.

Ladrões e mais ladrões.

Para se andar seguro, era preciso a gente armar-se até aos dentes. Era preciso andar munido de peça, revolver, arma de baioneta afiada... e ainda assim...



E a respeito de conquistas Moraes?

Fallou-se n'um Theatro. Constituiu-se sociedade. Chamou-se pelo Gil Vicente do outro mundo. Fizeram-se planos. Houve questões por causa da escolha do local...

E, no final de contas, vieram uns pan legos embuçados, uns patuscos, o desanimo e o descoroçoamento, e pegaram na ideia do Theatro e no proprio Theatro... e fugiram com elle ás costas, por esse mundo fóra...

Provavelmente, o Theatro Gil Vicente já chegou á China.

- Ou, então, está de quarentena em casa das Calendas Gregas.



E adeus Theatro, e adeus anno patusco de 1893.



ALVIÇARAS

Dão-se a quem encontrar um bombo e uma caixa pertencente á Banda que se chamou Barcelense.

Foram perdidos na madrugada noventa e li-côrsaca... do dia 22 do proximo mez passado, vespera de consoada.

Signaes caracteristicos:—o bombo é maior do que a caixa e tem o som mais profundo. A baquêta do dito é maior que as da caixa. Ambos os instrumentos são redondos pelo que correram rodando não se sabe para onde.

Outro signal:—a caixa tem as iniciaes, gravadas a fogo, do distincto maestro Manoel Zé, e o bombo tem nas costas o retrato em miniatura do apreciavel instrumentista o sr. Joanna.

PREVENÇÃO:—desconfia-se que dentro do involucro da maçaneta da baquêta do bombo, esteja uma bomba explosiva, systema Orsini. Porisso quem não quizer entregar o bombo não faça uso d'elle. Pode morrer.



A LAGRIMA

Responsavel:—João G. da Silva

TYPOGRAPHIA da FOLHA DA MANHÃ

BARCELLOS